

Bem-vinda, primavera!

Tempo de florescer...

Edição de Primavera /2026

Programa de Pós-Graduação
em Educação

Universidade de Caxias do Sul



Sobre o Boletim Informativo



O boletim é uma produção do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, divulgada a cada 3 meses, com edições de acordo com as estações do ano. Tem a finalidade de informar estudantes e professores sobre as chamadas de submissão de textos e artigos para eventos e revistas, bem como divulgar as possibilidades de diálogo em outros espaços e tempos, vinculados à área da educação. Por ter caráter informativo, a universidade não se compromete com a veracidade das informações, devendo o interessado verificá-las nos sites indicados, pois há possibilidade de alterações pelos organizadores dos eventos e revistas, principalmente no que se refere aos prazos de submissão.

E-mail de contato: boletimppgeducs@gmail.com

Conhecimento que floresce, diálogo que transforma.

Nesta edição

<i>Egressos pelo mundo.....</i>	<i>04</i>
<i>Dicas de leitura.....</i>	<i>11</i>
<i>Trocando experiências.....</i>	<i>14</i>
<i>Informações da Cátedra.....</i>	<i>18</i>
<i>Fluxo contínuo.....</i>	<i>27</i>
<i>Aconteceu.....</i>	<i>28</i>
<i>Os mestrados em Educação: experiências e trajetórias.....</i>	<i>33</i>
<i>Mestrado em Torres.....</i>	<i>33</i>
<i>Mestrado em Canela.....</i>	<i>40</i>
<i>Mestrado em Nova Prata.....</i>	<i>44</i>
<i>Eventos.....</i>	<i>48</i>
<i>Grupos de Pesquisas.....</i>	<i>49</i>
<i>Informações sobre o Boletim.....</i>	<i>50</i>
<i>Entre ciclos e recomeços</i>	<i>51</i>



Egressos pelo mundo

Eliete Dal Molin - Doutoranda PPGEdu/UCS

Meu nome é Eliete Dal Molin. Sou religiosa da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, educadora, gestora escolar e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Em 2024, iniciei o doutorado levando comigo inquietações nascidas de minha trajetória na educação. Entre elas, uma pergunta ganhou força: como a presença da Inteligência Artificial Generativa estaria transformando as práticas pedagógicas dos professores do Ensino Médio? Dessa inquietação nasceu minha pesquisa, que assumiu um contorno singular ao aproximar experiências de duas escolas, uma no Brasil e outra na Índia.

A escolha da Índia não aconteceu por acaso. As duas instituições pertencem à rede educacional da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, da qual faço parte. Essa ligação tornou possível aproximar realidades geográfica e culturalmente distantes, mas conectadas por uma história e uma missão educativa comuns. Foi nesse encontro entre proximidades e diferenças que a Índia passou a integrar meu percurso investigativo.

Em setembro de 2025, atravessei o oceano e cheguei a Sambalpur, no estado de Odisha, onde permaneci até meu retorno ao Brasil, em fevereiro de 2026. Levava uma pergunta de pesquisa, instrumentos metodológicos cuidadosamente preparados e muitas expectativas. Não imaginava, porém, que aquela experiência ultrapassaria os limites do projeto de doutorado e se tornaria uma travessia também pessoal, cultural e humana.

Desde minha chegada, fui acolhida pelas Irmãs de São José, que me ofereceram hospedagem, acompanharam meus deslocamentos e me ajudaram a compreender costumes e modos de viver até então desconhecidos. Quando as diferenças linguísticas dificultavam a comunicação, eram elas que construíam pontes entre mim e as pessoas daquele contexto. Essa presença próxima e generosa foi fundamental para que eu pudesse ingressar no cotidiano escolar com respeito, confiança e abertura.

Na St. Joseph's Convent Higher Secondary School, onde desenvolvi o trabalho de campo, o inglês predominava nas aulas e nas comunicações institucionais, embora professores e estudantes também se expressassem em hindi e em odia, língua oficial do estado de Odisha. Essa convivência revelava uma das muitas expressões da diversidade linguística e cultural de um país cuja Constituição reconhece 22 línguas. Aos poucos, percebi que estar imersa naquele contexto também significava reconhecer os limites da minha compreensão. Nem tudo me chegava pelas palavras. Muitas vezes, eram os gestos, as entonações, os silêncios, os olhares e a mediação das irmãs que me ajudavam a compreender o que acontecia ao meu redor. Aprendia, assim, que conhecer outra realidade exigia também outras formas de escuta.

Foi com essa disposição que entrevistei professores, observei aulas e acompanhei diferentes momentos da rotina escolar. Também visitei outras instituições e conversei com educadores e gestores. A cada encontro, meu olhar se ampliava para diferentes maneiras de organizar a escola, desenvolver práticas pedagógicas e construir relações entre professores e estudantes. A pesquisa, antes delineada nas páginas do projeto de doutorado, ganhava rostos, vozes, gestos e histórias.

Entre as experiências que permanecem mais vivas em minha memória, uma delas acontecia todas as manhãs. A escola reunia aproximadamente 3.500 estudantes, que frequentavam as atividades das 7h30 às 13h30, de segunda-feira a sábado. Antes das aulas, estudantes, professores e equipe gestora encontravam-se no pátio para uma assembleia diária. Com os uniformes cuidadosamente alinhados, os estudantes organizavam-se em filas e participavam de uma meditação conduzida pela direção. Em seguida, cantavam o hino da escola e o hino nacional e ouviam a reflexão de um professor sobre algum tema relevante.

Eu observava aquela cena quase diariamente e, ainda assim, continuava a me surpreender. Em meio a milhares de crianças e jovens reunidos, chamavam minha atenção a concentração, a disciplina e o envolvimento. Mais do que a organização das filas ou o silêncio, tocava-me perceber que, antes de cada estudante seguir para sua sala, havia um tempo compartilhado. A escola começava o dia reunida. Naquele pátio, parecia reafirmar-se o sentido de pertencimento a uma comunidade educativa.

Essa dimensão coletiva também se manifestava nas celebrações e nos grandes eventos escolares. Acompanhei apresentações de danças, músicas e peças teatrais preparadas pelos estudantes para as famílias e a comunidade. Figurinos, cenários e coreografias eram cuidadosamente organizados, enquanto as vestes tradicionais, com seus tecidos e cores vibrantes, preenchiam os espaços de beleza e movimento. Em alguns momentos, esquecia-me de que estava ali como pesquisadora e simplesmente me permitia admirar o que acontecia diante de mim.

Essas experiências me fizeram perceber que conhecer uma escola exigia mais do que observar suas salas de aula. Muito daquilo que constitui uma comunidade educativa também se revela nos pátios, nos rituais, nas celebrações e nas maneiras pelas quais as pessoas expressam o que valorizam. Havia uma dimensão pedagógica naquelas cenas, atravessada pelo cuidado, pela organização, pela memória, pela beleza e pela experiência coletiva.

Entretanto, minha aprendizagem não terminava quando eu atravessava os portões da escola. Do lado de fora, encontrava uma Índia intensa, capaz de despertar todos os sentidos. Animais circulavam livremente pelas ruas, dividindo espaço com pessoas, bicicletas, motocicletas e carros. O trânsito parecia seguir uma lógica difícil de compreender para quem chegava de fora. E havia as buzinas. Muitas buzinas. Elas acompanhavam o movimento das ruas e compunham a paisagem sonora durante praticamente todo o dia.

Quando a cidade adormecia, as buzinas finalmente silenciavam. Por algumas horas, outro ritmo ocupava aquele espaço. Muito cedo, antes que o movimento retomasse as ruas, começavam os rituais religiosos. Em um país atravessado por diferentes crenças e tradições, chamou-me a atenção a convivência entre distintas manifestações de fé e o respeito que pude perceber pela expressão religiosa do outro. Aqueles sons matinais pareciam revelar uma cidade que despertava primeiro para o sagrado e, somente depois, para a agitação cotidiana.

Essa percepção se ampliou durante as viagens que tive a oportunidade de realizar. Conheci Mumbai, Kolkata, Nova Delhi, Agra e outras cidades e vilarejos. Cada deslocamento revelava novas paisagens, sabores, arquiteturas, crenças e maneiras de viver. As cores das vestes tradicionais transformavam ruas, encontros e celebrações em composições vivas. Eram, sobretudo, os acontecimentos cotidianos que me permitiam conhecer o país para além das imagens que eu trazia comigo.

Também participei de um congresso para gestores educacionais no estado de Punjab, no noroeste da Índia. O que poderia ter sido apenas uma atividade acadêmica transformou-se em outra experiência de imersão cultural. Desde a acolhida com músicas e danças típicas até as palestras, a culinária, as vestimentas tradicionais e os ambientes cuidadosamente preparados, impressionava-me a atenção dedicada a cada detalhe. Eu não estava apenas participando de um congresso sobre educação; aprendia sobre uma cultura pela maneira como ela acolhia, celebrava e compartilhava seus saberes.

Entre as entrevistas, as observações, as viagens e os encontros, fui compreendendo que minha pesquisa acontecia dentro da escola, mas minha formação como pesquisadora continuava fora dela. Estava nos deslocamentos, nas refeições, nas celebrações, nas dificuldades de comunicação, nos encantamentos e também nos estranhamentos. Muitas vezes, precisei conter a vontade de interpretar rapidamente aquilo que via e simplesmente me permitir observar. A experiência foi me ensinando a importância desse tempo: olhar antes de explicar, escutar antes de concluir e acolher aquilo que eu ainda não conseguia compreender.

Quando retornei ao Brasil, trouxe entrevistas, registros e observações importantes para a continuidade da tese. Mas seria pouco dizer que voltei apenas com material de pesquisa. Trouxe comigo pessoas, histórias, imagens, sabores, sons e cenas que dificilmente caberão por inteiro em um trabalho acadêmico. Ainda consigo me imaginar diante daquele pátio ocupado por milhares de estudantes, acompanhando as apresentações coloridas, ouvindo as buzinas que marcavam o ritmo das ruas ou despertando com os rituais da manhã. Guardo, especialmente, a acolhida das irmãs, que me ajudaram a atravessar não apenas distâncias geográficas, mas também culturais e linguísticas.

Havia chegado à Índia com uma pergunta de pesquisa e instrumentos metodológicos cuidadosamente preparados. Voltei percebendo que investigar outra realidade também significa encontrar perguntas que não havíamos previsto. O campo não apenas oferece respostas; ele nos desloca, interpela nossas certezas e transforma o modo como formulamos nossas questões.



A pesquisa me levou à Índia. A Índia, por sua vez, ampliou meu modo de compreender a pesquisa, a educação, a cultura e o encontro com o diferente.

Algumas perguntas encontraram pistas de resposta; outras voltaram ainda maiores. Talvez essa seja uma das aprendizagens significativas dessa travessia: pesquisar outra realidade não significa apenas conhecê-la, mas permitir que o encontro com ela também nos alcance, nos desloque e transforme nosso modo de olhar.



Dicas de Leitura



Este livro materializa os diálogos on-line sobre produção de conhecimento realizados ao longo do seminário conjunto de 12 semanas intitulado “Descolonizando a produção de conhecimento em perspectivas comparadas (África do Sul e Brasil)” (Decolonizing Knowledge Production in Comparative Perspectives [South Africa and Brazil]).

Realizado no primeiro semestre de 2022 no âmbito de um edital do programa BRICS executado pelo Instituto Nacional para as Humanidades e as Ciências Sociais da África do Sul (National Institute for the Humanities and Social Sciences – NIHSS). O seminário abordou temas como estudos comparados e metodologias participativas; o conceito de (de)colonialidade e seus diferentes sentidos nos contextos africano e latino-americano; circulação, disseminação e coprodução do conhecimento; e o engajamento crítico com o conceito de “arquivos dialógicos”, introduzido pelo seminário tanto na produção acadêmica Sul-Sul quanto Norte-Sul.



Este livro trata da sustentabilidade em seu sentido mais amplo, com profundidade e didática surpreendentes. O autor apresenta a lógica do desenvolvimento sustentável como a aposta da política, do mundo corporativo e de parte da ciência moderna para melhor lidar com os males da contemporaneidade.

Entretanto, demonstra que a agenda oficial, representada pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, ainda é insuficiente para pavimentar futuros mais desejáveis para o planeta. Com maestria e elegância, Fabio Scarano convida outras formas de interpretação da realidade para esta conversa: a arte, os conhecimentos ancestrais, a espiritualidade e outras cosmovisões não modernas. A natureza regenerativa deste diálogo revela a sustentabilidade como uma utopia pragmática.



Este é um livro tecido a muitas mãos, com fios que atravessam territórios brasileiros e cruzam as múltiplas (in)justiças - sociais, epistêmicas, ambientais, raciais, de gênero, linguísticas e territoriais - que estruturam nossa sociedade. Neste encontro, não pretendemos oferecer respostas prontas, mas convidar à escuta, à partilha e à construção coletiva de sentidos sobre o que pode ser a educação para a cidadania global e a justiça socioambiental em nosso tempo.

A cidadania global, aqui, não é pensada como uma adesão abstrata a valores universais, mas como uma prática crítica que emerge das tensões entre o local e o global, entre o reconhecimento da diferença e a construção de solidariedades possíveis. Ela se inscreve na relação entre ensino, pesquisa e extensão, entre universidade e sociedade, e entre saberes acadêmicos e experiências populares. Do mesmo modo, a justiça socioambiental não se limita à defesa de direitos ecológicos ou ambientais isolados; esse conceito articula múltiplas dimensões da justiça - epistêmica, racial, de gênero, econômica, ambiental, cultural, territorial - como elementos inseparáveis de um projeto ético-político de transformação.

Trocando experiências

XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MACAPÁ-AP

Paolo Parasecoli - Mestrando do PPGEduc

O início de setembro de 2026 foi, para mim e para o PPGEduc, um período particularmente rico em experiências e descobertas. Entre os dias 1º e 5 de setembro, tive a oportunidade de participar, juntamente com a professora Eliana Rela, do XIII Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), cujo tema foi Migrações, Saberes e História da Educação. Foram dias intensos e intelectualmente estimulantes, marcados por encontros, debates e conferências com importantes pesquisadores da História da Educação, tanto do Brasil quanto do exterior.

Cada jornada representou uma oportunidade singular de aprendizado, troca de experiências e crescimento acadêmico. A programação diversificada contemplou conferências, mesas-redondas, comunicações individuais e coordenadas, lançamentos de livros e minicursos, proporcionando um ambiente fértil para o diálogo científico e a ampliação de conhecimentos.

Além da riqueza acadêmica do evento, Macapá, capital do estado do Amapá, revelou-se uma agradável surpresa. A cidade permitiu-nos conhecer uma região do Brasil ainda pouco explorada por muitos pesquisadores. Tivemos a oportunidade de visitar locais emblemáticos, como a Fortaleza de São José, o Museu Sacaca — um verdadeiro espaço de educação ambiental e de valorização dos saberes amazônicos —, o Mercado Central e a Casa do Artesão.

Entretanto, o que mais me marcou foi a acolhida calorosa da população local. A simpatia, a disponibilidade e a hospitalidade das pessoas tornaram a experiência ainda mais especial. Ao calor humano somou-se o calor intenso da região, com temperaturas que oscilaram entre 35 °C e 38 °C, representando um desafio para quem está habituado a um clima bastante diferente.

Entre os inúmeros elementos que caracterizam Macapá, o rio Amazonas ocupa um lugar de destaque. Sua imensidão e imponência impressionam desde o primeiro contato. A força de suas águas e a grandiosidade de sua paisagem fazem dele uma das mais extraordinárias expressões da natureza, capaz de despertar admiração e permanecer viva na memória de quem o contempla.

Um dos momentos mais significativos da participação no congresso foi a apresentação, em coautoria com a professora Eliana Rela, do trabalho intitulado A obra didática de Edmondo de Amicis e representações do feminino na Grande Imigração no conto "Dos Apeninos aos Andes": uma perspectiva da História da Educação, realizada na sessão de Comunicações Individuais, em 3 de setembro. Foi motivo de grande satisfação apresentar uma pesquisa dedicada à obra italiana Cuore (Coração), publicada originalmente em 1886, na Itália, e posteriormente utilizada também no Brasil, especialmente na Região Sul. A obra integrou o conjunto de livros selecionados pelo governo italiano para serem adotados nas escolas étnicas existentes nas áreas de colonização italiana, constituindo importante objeto de investigação para a História da Educação.

Embora o tempo destinado à apresentação — apenas dez minutos — tenha sido insuficiente para expor toda a complexidade da pesquisa, o trabalho foi muito bem acolhido pelo público presente. Os comentários recebidos e as sugestões formuladas pelos participantes enriqueceram significativamente o debate e reforçaram a relevância da investigação desenvolvida.



Outra experiência inesquecível foi a visita à Floresta Amazônica, nos arredores de Macapá, em uma área de ecoturismo denominada Flor da Samaúma. O passeio incluiu uma navegação pelo rio Curiaú até o encontro com o rio Amazonas, proporcionando uma imersão em uma das paisagens naturais mais emblemáticas do planeta. Durante a visita, tivemos ainda a oportunidade de conhecer e degustar diversos produtos regionais elaborados a partir do açaí, entre eles cafés, sorvetes, vinhos fermentados e outras especialidades típicas.

Um dos momentos mais marcantes dessa experiência foi a caminhada guiada pela floresta de várzea, onde pudemos observar árvores centenárias, entre elas a majestosa samaúma, conhecida como a "Mãe da Floresta". A árvore que visitamos possuía cerca de 45 metros de altura, impressionando não apenas por suas dimensões, mas também pelo simbolismo que representa para a cultura amazônica.

Confesso que jamais imaginei que, em algum momento da minha vida, teria a oportunidade de entrar em contato tão próximo com essa exuberância natural, caminhando pela floresta e tocando, com as próprias mãos, um patrimônio ambiental de tamanha grandiosidade. Depois de apresentar um trabalho sobre o Coração da literatura italiana, tive também o privilégio de conhecer o verdadeiro coração da Floresta Amazônica. Essa associação espontânea tornou a experiência ainda mais significativa, transformando-a em uma lembrança que certamente permanecerá para sempre gravada em minha memória.

Por fim, a participação no XIII Congresso Brasileiro de História da Educação constituiu uma experiência acadêmica e humana de extraordinário valor. Além da oportunidade de dialogar com importantes pesquisadores da área e compartilhar os resultados de nossa pesquisa, o congresso permitiu conhecer um território de imensa riqueza histórica, cultural e ambiental. Macapá e a Amazônia revelaram-se lugares de rara beleza, cuja diversidade e hospitalidade merecem ser amplamente conhecidas e valorizadas.

Informações da Cátedra

UMA TRAJETÓRIA QUE SE CONSTRÓI EM REDE

Gilvania Pires Santos Kuiava - Doutoranda do PPGEduc

A Cátedra UNESCO em Educação para a Cidadania Global e Justiça Socioambiental nasceu do compromisso da UCS com uma educação transformadora, crítica e socialmente comprometida. Conheça um pouco dessa trajetória.

2022

Proposta da Cátedra é aprovada pela UNESCO.



2023

Implantação na UCS e realização do I Simpósio, com a conferência inaugural de Moacir Gadotti.



2024

II Simpósio, organizado pela Unisinos, fortalecendo redes e diálogos.



2025

III Simpósio, realizado pela FURB, e consolidação de projetos, pesquisas e publicações.

2026

IV Simpósio na UCS: retrospectiva, avaliação e projeção do próximo quadriênio.



IV SIMPÓSIO: OLHAR PARA TRÁS PARA PROJETAR O FUTURO

Realizado nos dias 20 e 21 de agosto de 2026, o IV Simpósio reuniu pesquisadores(as), professores(as), estudantes e parceiros(as) de diferentes regiões do Brasil e de outros países.



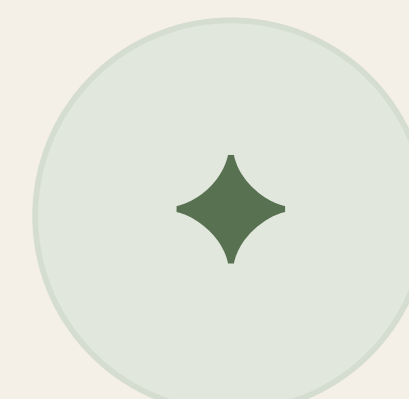
RETROSPECTIVA

Apresentação da trajetória da Cátedra e dos principais marcos do primeiro quadriênio.



EIXOS TEMÁTICOS

Trabalhos e debates em três eixos centrais que orientam as ações e pesquisas da Cátedra.



RECOMENDAÇÕES

Grupos de trabalho apontaram avanços e recomendações para o próximo ciclo.



“As Cátedras são lugares privilegiados de produção de conhecimento, diálogo e compromisso social.” Danilo Romeu Streck



DIÁLOGOS QUE AMPLIAM HORIZONTES

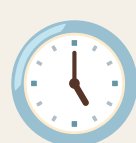
O IV Simpósio da Cátedra UNESCO na UCS constituiu um importante momento de encontro, reflexão e diálogo sobre a trajetória construída desde sua criação e sobre os desafios que se apresentam para os próximos anos. Reunindo professores, pesquisadores, estudantes e convidados de diferentes contextos, o evento possibilitou retomar experiências, compartilhar pesquisas e ampliar as interlocuções da Cátedra em âmbito nacional e internacional.

Entre as diferentes contribuições que marcaram o encontro, destacam-se as participações do professor Danilo Streck, coordenador da Cátedra UNESCO na UCS, que compartilhou uma reflexão sobre a trajetória, as conquistas e os desafios institucionais da Cátedra, e da professora June Bam-Hutchison, da University of Johannesburg, África do Sul, cuja participação internacional trouxe novas perspectivas para pensar educação, memória, conhecimento, justiça e convivência em diferentes contextos históricos e culturais. As duas contribuições, a partir de lugares distintos, ajudam a evidenciar uma característica fundamental da Cátedra: a construção coletiva de conhecimentos por meio do diálogo entre diferentes sujeitos, instituições, territórios e perspectivas.

As reuniões da Cátedra UNESCO são abertas ao público em geral.



Todas as segundas-feiras



Das 17h45 às 18h15



Pelo Google Meet: meet.google.com/jje-akif-xyk

VOZES QUE INSPIRAM O DIÁLOGO

Durante sua estada na UCS, por ocasião do IV Simpósio da Cátedra UNESCO, a professora June Bam conversou com a doutoranda em Educação Gilvania Pires Santos Kuiava sobre a importância do diálogo acadêmico internacional e dos intercâmbios entre países do Sul Global. A seguir, compartilhamos as reflexões gentilmente compartilhadas pela professora.



PROF. JUNE BAM-HUTCHISON

University of Johannesburg, África do Sul

“AS TROCAS ENTRE DIFERENTES CONTEXTOS DO SUL GLOBAL NOS PERMITEM APRENDER COM AS DIFERENÇAS E COM AS EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS COMO CIDADÃOS GLOBAIS. PRECISAMOS DE DIÁLOGOS QUE DESAFIEM ESTRUTURAS INJUSTAS E VALORIZEM OS CONHECIMENTOS PRODUZIDOS PELOS POVOS.” TRADUÇÃO NOSSA

1. What did participating in the IV UNESCO Chair Symposium at UCS mean to you, particularly in terms of dialogue and exchange across different educational and geographical contexts?

I have been working with Professor Streck for almost 10 years on the issues of environmental justice, citizenship and our new book on ‘dialogical archives’. Last year, I worked with a Professor Leite e Aguiar at UFBA in Salvador in the state of Bahia and also spent 2 weeks there doing a keynote address and a series of seminars. Professor e Aguiar also contributed a chapter to our book on ‘dialogical archives’ from the perspective of literature.

I am mentioning this because it connects to your question on working across educational and geographical contexts. I never realised just how diverse the regions in Brazil are in terms of its histories and demographics. I was at the Federal University of Bahia (UFBA) in Salvador which could be in Africa and Caxias could be in Europe! The cuisine is also very different! The dialogues in the two regions are markedly different too. Coming from Cape Town, South Africa, there was great synergy with the dialogues in Salvador - both share very deep intergenerational slave memories and therefore conversations on attaining justice AGAINST STRUCTURAL RACISM THAT STILL CONSUMES US DAILY IN THE WORLD.

In Caxias it was a different but equally important conversation about a shared humanity and how we could find conviviality in the archive (from my perspective, drawing from the work of scholars such as the Cameroonian anthropologist Francis Nyamnjoh).

The question about environmental justice transcends racial lines, and regions, and in this the Unesco chair is very important. It is this question that we are committed to globally in the face of a tremendous climate change crisis – we are much closer than we really think we are.

Though conversations in the regions of Brazil differ regionally, as they are also on the African continent, the most important learning experience for me at Caxias was the conversation on emancipatory epistemologies and what they mean for women, farmers, and teenagers. We should really have exchanges to deepen these dialogues in the different regional contexts where we can learn from both difference and shared experiences as global citizens.

The intellectual work of this chair is cutting edge, and I found the engagements challenging but equally rewarding; that one can dialogue about rage as citizenship across the ocean for example. This indeed indicates a shared language in dialogue in a world that is facing the dire consequences of the impact of climate change still ignored by the powerful elite. The region experienced devastating floods in Brazil in 2024, and now the world is witnessing the most horrifying in Nepal. In this, we are beginning to share a more conflated global geography so to speak, and the dialogue for global environmental justice has only started.

2. From your perspective, why are international academic dialogues—and especially exchanges among countries and contexts in the Global South—important for Global Citizenship Education and for decolonial approaches to knowledge production?

The formerly colonised world shares the impactful legacies of genocide, ecocide, epistemicide and culturecide. We are still struggling to restore HUMAN DIGNITY AGAINST the devastation and destruction of colonialism which has led not only to large scale exploitation of natural resources but also the resultant climate crisis. We need to consolidate dialogues in south-south knowledge production process which are free from western-imposed frameworks that still tend to eradicate and marginalise knowledges and practices of the oppressed, black and indigenous people.

This marginalisation leads to mediocre education that can only serve the interests of the elite and powerful. Such education is mediocre because it leaves out knowledge accumulated through the human experience over thousands of years and includes aspects such as the acute observation of ecological indicators, weather patterns, soil erosions etc. Extractive multi-nationals typically ignore the people's science and knowledge and build on fragile flood plains for example for profit.

Countering this approach to knowledge in service of a small greedy and powerful elite is in essence what we mean by 'decolonial'. We can theorise and debate the concept forever, but at the end of the day it boils down to a simple truth of which knowledge matters for the benefit of the global collective, and the approaches to knowledge production that will get us out of that trap.

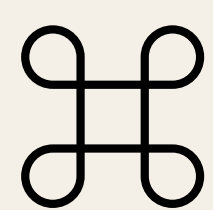
E AGORA? NOVOS CAMINHOS PARA O PRÓXIMO QUADRIÊNIO

O próximo ciclo da Cátedra será marcado pelo fortalecimento das redes, pela internacionalização, pela produção de conhecimento comprometida com a justiça socioambiental e pela ampliação das oportunidades para estudantes e pesquisadores.



PESQUISA

Aprofundar estudos interdisciplinares sobre cidadania global e justiça socioambiental.



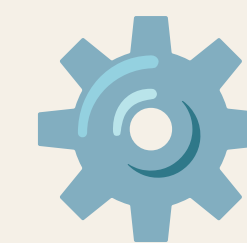
REDE

Ampliar parcerias nacionais e internacionais, especialmente no Sul Global.



FORMAÇÃO

Promover ações formativas com professores(as), estudantes e comunidades.



IMPACTO SOCIAL

Fortalecer ações que contribuam para uma sociedade mais justa, sustentável e solidária.

Seguimos juntos, em diálogo, para transformar a educação e o mundo.



PROFESSOR DANILO ROMEU STRECK

Coordenador da Cátedra UNESCO na UCS



Trajetória, articulação e novos desafios

Ao olhar para os primeiros anos da Cátedra, o professor Danilo destaca que sua criação foi precedida por um movimento de professores e pesquisadores que já desenvolviam estudos, disciplinas, seminários e projetos relacionados à cidadania em uma perspectiva planetária, à educação ambiental, à sustentabilidade e à internacionalização.

A partir da aprovação da Cátedra pela UNESCO, esse movimento ganhou maior articulação e consistência. Entre as conquistas construídas ao longo desse percurso, o professor destaca a produção de pesquisas e publicações no Brasil e no exterior, as parcerias com universidades brasileiras e estrangeiras e iniciativas como o Ciclo de Leituras do Pensamento Latino-Americano, realizado em parceria com a UEPA e a CLACSO.

Para o próximo quadriênio, Danilo aponta como desafios o fortalecimento da incidência da Cátedra nas políticas públicas, a aproximação com as escolas e uma maior institucionalização de suas ações no âmbito da Universidade.

A participação de estudantes de graduação e pós-graduação também ocupa um lugar importante nesse processo. As reuniões semanais de estudo e planejamento constituem, segundo o professor, um espaço de aprendizagem e construção coletiva que reúne participantes de diferentes instituições e regiões do país.

“É só chegar e participar para ver.” Danilo Streck

PROFESSORA JUNE BAM-HUTCHISON

Participação internacional | University of Johannesburg, África do Sul

Memória, justiça e diferentes formas de conhecimento

A participação da professora June Bam-Hutchison ampliou os diálogos do IV Simpósio para além do contexto brasileiro. Professora da University of Johannesburg e pesquisadora vinculada ao campo da educação, da descolonização do conhecimento, das histórias indígenas e das relações entre memória e justiça, June trouxe para o encontro experiências e reflexões construídas a partir do contexto sul-africano.

Ao refletir sobre os diálogos estabelecidos durante sua participação, a professora chamou atenção para as diferenças entre os contextos de Salvador e Caxias do Sul. Em Salvador, destacou a forte presença das memórias intergeracionais relacionadas à escravização e às permanências do racismo estrutural. Em Caxias do Sul, identificou outro tipo de diálogo, relacionado à ideia de uma humanidade compartilhada e à possibilidade de pensar a convivência a partir do arquivo.

Sua contribuição provoca questões importantes para a educação: quais histórias são preservadas? Quais vozes são escutadas? Quais conhecimentos são reconhecidos? E como diferentes experiências históricas podem contribuir para a construção de formas mais justas de convivência?

A presença internacional de June também abre possibilidades para ampliar as redes de diálogo da Cátedra e aproximar pesquisadores de diferentes territórios e tradições acadêmicas.

Fluxo Contínuo

Revista CORPOCONSCIÊNCIA
UFMT - Qualis B2

Bakhtiniana. Revista de Estudos do
Discurso
PUCSP - Qualis A1

Revista Áskesis
UFSCar - Qualis B3

Educação em Foco
UFJF - Qualis A3

Revista Educação, Humanidades e
Ciências Sociais - RECHSO
Qualis A4



PPGEDU/UCS NO 10º FÓRUM DE EDUCAÇÃO INFANTIL: QUANDO O TERRITÓRIO ACADÊMICO SE AMPLIA

Suélen Giordana da Silva Binotto - Mestranda do PPGEduc

A participação de docentes, mestrandas, doutorandas e egressas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS no 10º Fórum de Educação Infantil dos Campos de Cima da Serra e Região evidencia possibilidades de atuação que aproximam pesquisa, extensão, formação docente e Educação Básica.

O território acadêmico que compartilhamos em um Programa de Pós-Graduação não se limita às salas de aula da Universidade, aos grupos de pesquisa ou aos processos de escrita de dissertações e teses. Ele também se constitui nos encontros que possibilitam colocar conhecimentos em circulação, estabelecer interlocuções com diferentes profissionais e aproximar a produção acadêmica dos contextos em que a educação acontece cotidianamente.

Uma experiência que materializa esse movimento ocorreu no 10º Fórum de Educação Infantil dos Campos de Cima da Serra e Região, realizado no dia 21 de agosto de 2026, em Vacaria. Com o tema “Escola Pública Potente e de Qualidade: Educar, Cuidar e Transformar Vidas na Educação Infantil”, o evento reuniu profissionais das redes municipais de Vacaria, Bom Jesus, Campestre da Serra, Esmeralda, Ipê, Jaquirana, Monte Alegre dos Campos, Pinhal da Serra, São José dos Ausentes e Muitos Capões.

Realizado em parceria entre a AMUCSER – Associação dos Municípios dos Campos de Cima da Serra e Região – e a Universidade de Caxias do Sul, o Fórum teve sua programação desenvolvida simultaneamente na Casa do Povo e no Campus Universitário da UCS em Vacaria. A articulação junto à Universidade e a organização dos espaços que acolheram as atividades contaram com a atuação de Guilherme Coloniezzi Erthal, analista de relacionamento do Campus Universitário da UCS em Vacaria, que estabeleceu a interlocução com o grupo responsável pelas ações formativas.

Enquanto a palestra principal ocorreu na Casa do Povo, o Campus recebeu as oficinas temáticas. A conferência foi ministrada por Lídia Oliveira Dias, doutoranda em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Nesse espaço formativo, a presença do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu/UCS) assumiu especial significado. O Programa ofereceu suporte à organização e à execução pedagógica das oficinas, mobilizando conhecimentos e trajetórias de profissionais com diferentes vínculos com a pós-graduação.

As dez oficinas oferecidas contemplaram questões que atravessam o cotidiano da Educação Infantil. Ritmo e Movimento na Infância: o corpo como primeira linguagem da criança foi conduzida por Rochele Andreazza, professora do PPGEdu/UCS. Espaços Brincantes e Sala Referência: ambientes que acolhem, estimulam e promovem aprendizagens na Educação Infantil teve como ministrante Simone de Quadros, mestre pelo PPGEdu/UCS e professora extensionista da Universidade.

A temática Letramentos na Educação Infantil: experiências com a linguagem, leitura e escrita no cotidiano da criança foi desenvolvida em oficinas ministradas por Fernanda Rodrigues Zanatta, mestre e doutora pelo PPGEdu/UCS, e Suélen Giordana da Silva Binotto, mestranda do Programa e professora extensionista da UCS.

A oficina Inclusão na Educação Infantil: acolher, compreender e garantir experiências para todas as crianças foi conduzida por Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer, mestre e doutoranda pelo PPGEdu/UCS e pedagoga no IFRS; Raquel Soares, licenciada em música e doutoranda do PPGEdu/UCS; e Fernanda Vargas, licenciada em História(UNOPAR), especialização em História e Geografia pela UNINA e especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Já Documentação Pedagógica na Educação Infantil: observar, registrar e dar visibilidade às aprendizagens das crianças foi desenvolvida por Maristela Motter, mestranda do PPGEdu/UCS; Thainara Rossi, mestranda do PPGEdu/UCS; e Fernanda de Lemos, doutoranda em Educação no PPGEdu/UCS.

Mais do que a diversidade das temáticas, chama atenção a pluralidade das trajetórias que se encontraram no Fórum. Docência na pós-graduação, mestrado, doutorado, egressas, extensão universitária e atuação profissional na Educação Básica convergiram em um mesmo espaço de formação e interlocução com as redes públicas.

PARA ONDE PODE NOS LEVAR A PÓS-GRADUAÇÃO?

Ingressar em um mestrado ou doutorado significa aprofundar conhecimentos, produzir pesquisa e participar de uma comunidade acadêmica. Entretanto, as possibilidades construídas nesse percurso não terminam na defesa de uma dissertação ou tese. Os conhecimentos produzidos podem retornar à sociedade por diferentes caminhos, e a formação continuada de profissionais da Educação Básica é um deles.

No Fórum, conceitos estudados, pesquisas desenvolvidas, experiências profissionais e conhecimentos produzidos no âmbito universitário foram colocados em diálogo com profissionais das redes públicas de dez municípios. Nesse movimento, a Universidade não se apresenta apenas como lugar de produção do conhecimento, mas como instituição que dialoga com as demandas do território, estabelece parcerias e participa de processos formativos junto à comunidade educacional.

Para mestrandos e doutorandos, experiências como essa permitem perceber que fazer parte de um Programa de Pós-Graduação também significa integrar uma rede de relações, interlocuções e possibilidades de atuação.

Pesquisa, ensino e extensão se encontram, assim como se encontram pesquisadores em diferentes momentos de suas trajetórias, profissionais da Educação Básica, redes municipais e Universidade

O 10º Fórum de Educação Infantil dos Campos de Cima da Serra e Região tornou visível uma dessas possibilidades. Ao ocupar os espaços da UCS Vacaria, e a Casa do Povo, com discussões sobre corpo, brincadeira, linguagem, inclusão e documentação pedagógica, conhecimentos construídos em diferentes trajetórias acadêmicas e profissionais encontraram novos interlocutores e contextos.

Talvez esteja justamente aí uma das potências do território acadêmico que compartilhamos: compreender que produzir conhecimento também significa fazê-lo circular, colocá-lo em diálogo e permitir que encontre outros sujeitos, outras perguntas e outros lugares.



Os mestrados em Educação: experiências e trajetórias

A formação em nível de mestrado se constrói de diferentes maneiras, conforme as experiências, as inquietações e os contextos que cada estudante traz para a vida acadêmica. Nesta seção, reunimos relatos de mestrandos vinculados às turmas de Canela, Torres e Nova Prata, com o propósito de compartilhar experiências formativas, apresentar percursos de pesquisa e dar visibilidade aos sentidos atribuídos à formação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS. São narrativas singulares que expressam diferentes modos de viver a pós-graduação e de construir relações entre pesquisa, docência e experiência profissional.

MESTRADO EM TORRES

A turma de Torres é marcada pela diversidade, pelas singularidades e por diferentes formas de viver a experiência acadêmica. Cada integrante vivencia seu próprio processo, construindo trajetórias únicas a partir dos encontros, das diferenças e das aprendizagens compartilhadas. Acima de tudo, é uma turma que integra uma universidade fantástica e um PPGEduc de excelência.



ENTRE LÁGRIMAS, AFETOS E DESCOBERTAS: NOTAS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE
UM PESQUISADOR EM SEUS PRIMEIROS MESES DE MESTRADO.

Jeferson Vitorino dos Santos - Mestrando PPGEduc

“Há lágrimas que nascem da dor. Outras, da gratidão.” - Autor desconhecido

Escrevo estas linhas tomado por um sentimento difícil de traduzir. Não são lágrimas de sofrimento, mas de reconhecimento. São lágrimas produzidas pelo encontro humano, pelo afeto, pela descoberta e pela compreensão de que, em apenas três meses de mestrado, já não sou exatamente o mesmo sujeito que ingressou na universidade carregando sonhos, inseguranças e inúmeras certezas que julgava possuir.

Quando recebi a notícia da aprovação no mestrado, experimentei uma alegria imensa. Contudo, junto dela vieram os medos. Perguntava-me se estaria preparado, se conseguiria acompanhar as discussões, produzir academicamente e encontrar um caminho de pesquisa que verdadeiramente me representasse. Hoje compreendo que tais inquietações fazem parte do processo de constituição de qualquer pesquisador.

Ao longo desse percurso, tenho aprendido algo que Henri Wallon já demonstrava em seus estudos: não existe desenvolvimento humano sem afeto. O conhecimento não é produzido apenas pela razão. Ele é atravessado pelas emoções, pelas relações e pelos encontros que nos transformam. Aprender é também sentir.

Foi nesse contexto que encontrei pessoas que passaram a ocupar um lugar especial em minha trajetória.

Meu orientador, o professor doutor Gelson Rech, representa para mim uma das expressões mais bonitas do compromisso com a ciência. Em suas orientações, há uma frase que ecoa constantemente: "não podemos inventar nada, nem sermos levianos". Essa afirmação, aparentemente simples, carrega uma profunda responsabilidade ética diante da produção do conhecimento. Mais do que ensinar técnicas de pesquisa, ele ensina postura intelectual. Sua condução lembra a figura de um pai que orienta os caminhos sem percorrê-los pelo filho. Alguém que remove algumas pedras para tornar a caminhada possível, mas que não elimina os desafios necessários ao crescimento. Há rigor, mas também cuidado. Há exigência, mas também humanidade. Em cada conversa, emerge a compreensão de que a ciência não é apenas produção de dados; é, antes de tudo, um compromisso moral com a verdade possível.

Da mesma forma, seria impossível narrar essa experiência sem mencionar a professora doutora Eliana Rela. A Universidade acertou ao confiar-lhe a coordenação do programa. Sua presença combina competência acadêmica e acolhimento humano de maneira rara. Desde os primeiros encontros, ela demonstrou uma capacidade singular de enxergar potencialidades onde muitos ainda veem inseguranças.

Seu olhar acolhedor e sua escuta atenta fazem com que os estudantes se sintam pertencentes ao espaço acadêmico.

Existe algo de profundamente maternal em sua forma de conduzir o programa. Não uma maternidade baseada na proteção excessiva, mas no cuidado que impulsiona ao crescimento.

Jamais esquecerei quando afirmou, com a simplicidade característica de quem domina aquilo que ensina, que, se ela aprendeu a escrever academicamente, todos nós também aprenderíamos. A frase parecia simples, contudo, carregava uma mensagem poderosa: o pesquisador não nasce pronto; ele se constrói.

Foi também ela quem apresentou, em uma das primeiras disciplinas, discussões sobre a constituição do pesquisador e mencionou que seu referencial teórico era Roger Chartier. Naquele momento, eu não poderia imaginar que aquele autor passaria a ocupar um espaço tão importante em minha caminhada intelectual.

A professora doutora Andréa Wahlbrink, por sua vez, representa a energia transformadora da docência. Inteligente, sensível e profundamente humana, ela demonstra que a excelência acadêmica não precisa estar dissociada da afetividade. Sua presença inspira. Sua maneira de valorizar os processos coletivos revela uma compreensão profunda de que o conhecimento é construído em comunidade. Existe uma luminosidade difícil de explicar em sua atuação. Ela parece aquela irmã mais velha que trilhou caminhos desafiadores, alcançou realizações importantes e, justamente por isso, dedica-se a impulsionar amorosamente aqueles que caminham ao seu lado.

Há ainda o professor doutor Edgar Kirchof, cuja contribuição para minha formação tem sido igualmente significativa. Em suas aulas, compreendi algo que antes me escapava: a metodologia não é um conjunto de regras burocráticas destinadas a dificultar a pesquisa. Pelo contrário, ela organiza os caminhos.

Lembro-me de suas explicações sobre as diferentes possibilidades metodológicas. Cada metodologia parecia uma caixa com características próprias. Conhecer essas caixas e compreender qual delas abriga nossa investigação torna o percurso mais claro e coerente. Sua didática transforma a complexidade em algo acessível, sem simplificações indevidas. Edgar representa, para mim, a figura do amigo intelectual: alguém que orienta com precisão, compartilha sabedoria e demonstra profundo compromisso com a formação dos estudantes.

Ao ingressar no mestrado, acreditava que realizaria uma pesquisa na área das tecnologias. Afinal, era um tema que me mobilizava e sobre o qual possuía experiências acumuladas. Entretanto, a vida possui formas curiosas de conduzir nossos caminhos.

Recordo-me de uma frase muito citada: "Tudo o que é seu encontrará uma maneira de chegar até você." Hoje compreendo o significado dessas palavras. Fui ao mestrado imaginando um percurso e encontrei outro. Entrei acreditando que dominava determinadas respostas e descobri a beleza das perguntas. Cheguei pensando nas tecnologias e fui profundamente atravessado pela História.

Roger Chartier surgiu em meu caminho de maneira quase inesperada. Suas reflexões sobre práticas, representações e apropriações abriram novas possibilidades de compreensão do mundo social. Por meio de suas obras, comecei a enxergar a História não como uma narrativa estática do passado, mas como um campo vivo de disputas, significados e construções humanas.

A cada leitura, novas inquietações surgem. A cada reflexão, novas possibilidades aparecem. Talvez seja exatamente isso que signifique tornar-se pesquisador. O mestrado já foi, para mim, um sonho distante. Em outros momentos da vida, eu o teria definido como um devaneio ou algo inalcançável. Hoje percebo que ele sempre esteve reservado em algum lugar do caminho, aguardando o momento em que eu estivesse pronto para percorrê-lo.

Escrevo este texto emocionado.

Emocionado ao recordar o olhar acolhedor de Eliana Rela.

Emocionado ao lembrar dos abraços afetuosos de Andréa Wahlbrink.

Emocionado pelas conversas inteligentes e generosas com Edgar Kirchof.

Emocionado pelas reflexões profundas e pelos ensinamentos rigorosos de Gelson Rech.

Talvez eles não imaginem a dimensão dos atravessamentos que provocam na vida de seus estudantes. Talvez não percebam quantas transformações silenciosas acontecem em cada orientação, em cada aula ou em cada palavra cuidadosamente escolhida.

Mas elas acontecem.

E permanecem.

Por isso, encerro estas reflexões dirigindo-me àqueles que iniciarão sua trajetória acadêmica.

Permitam-se.

Permitam-se duvidar.

Permitam-se mudar de rota.

Permitam-se abandonar certezas.

Permitam-se encontrar autores que transformarão sua forma de compreender o mundo.

Permitam-se ser afetados.

Porque a pesquisa não nasce apenas da inteligência. Ela nasce também dos encontros.

E, se existe algo que aprendi nesses primeiros meses de mestrado, é que os melhores pesquisadores não são aqueles que apenas acumulam conhecimento. São aqueles que permitem que o conhecimento os transforme.

Este texto é, antes de tudo, um agradecimento.

À universidade.

À ciência.

Aos mestres que encontrei pelo caminho.

E às lágrimas que me lembram, todos os dias, que aprender também é uma forma de amar.

MESTRADO EM CANELA

Tatiele Domingos Kissmann - Mestranda PPGEduc

Recebi com alegria e gratidão o convite para escrever ao Boletim de Primavera do PPGEDU e compartilhar minha trajetória no Mestrado em Educação na turma de Canela. Início me apresentando, meu nome é Tatiele, mãe da Livia de 6 anos e esposa do Emerson. Sou Professora da Rede de Ensino de Gramado há 18 anos e atuo em uma escola rural de tempo integral com uma classe multisseriada.

Costumo dizer que encontrar o tema de uma pesquisa é como encontrar um grão de areia em uma praia imensa, o que para mim, parecia impossível há alguns meses atrás, quase um milagre. Eu repetia isso à Profe Cris, minha orientadora, enquanto ainda buscava, entre conversas e silêncios, o chão onde pisar. E então o meu objeto de pesquisa me encontrou: as classes multisseriadas e a presença da tecnologia nas práticas pedagógicas docentes diante de um novo currículo, pensado para a Computação. Achei o meu grão de areia e foi emocionante, daquele jeito que a gente guarda para sempre.

Há poucas semanas, vivi a concretização desse encontro: acabei a escrita (inacabada) do meu projeto de pesquisa. Mas, este trabalho não chegou pronto: foi tecido em noites que deveriam ser de descanso, em ausências que escolhi para poder estar presente nele, em abdições que só quem esteve ao meu lado sabe nomear.

Custou suor que nenhuma metodologia registra e lágrimas que não cabem em nenhuma nota de rodapé. Mas cada escolha foi minha, feita de olhos abertos, e se pudesse voltar ao início, escolheria de novo cada página, cada dúvida, cada renúncia. Porque foi essa trajetória, inteira e imperfeita, que me trouxe até aqui. Além de Mestranda, também sou professora em tempo integral, com dois concursos, mãe e esposa — o meu dia inteiro já é, por si só, uma travessia. E este projeto nasceu do resto que sobra do cansaço, e por isso cada página dele tem gosto de vitória.

Os primeiros meses no Mestrado foram de adaptação e descoberta. As disciplinas do PPGEDU me apresentaram autores e debates que reorganizaram o meu modo de olhar a educação: cada seminário, cada leitura, cada discussão foi me constituindo pesquisadora.

Entre certezas e dúvidas, caminho ao lado da minha querida orientadora, a Professora Doutora Cristina Pescador, cuja escuta atenta e generosidade têm sido fundamentais nessa travessia. A escrita do projeto de pesquisa foi um exercício constante de paciência comigo mesma: houve dias de euforia diante de um achado de pesquisa e dias de angústia diante da página em branco. A insegurança aparece, especialmente quando nos comparamos com trajetórias que parecem mais lineares, mas também aparece a rede de afetos que sustenta a caminhada: as colegas de turma, o grupo de pesquisa e os professores do programa

Nessa caminhada, aprendi com a Profe Cris a acreditar que as ideias são uma costura. Mas não aquela costura de retalhos, que apenas junta pedaços sem desenho e sim algo muito mais elaborado e complexo, como o patchwork: cada leitura, cada teoria, cada reflexão encontra o seu lugar exato, e o conjunto forma uma imagem que não existia antes. É bonito pensar a pesquisa assim, não como acúmulo, mas como tessitura, em que cada fio é escolhido com intencionalidade para compor o todo. E é nessa tessitura que vou me constituindo pesquisadora, como quem aprende a ser borboleta.

E como a primavera se aproxima, me pego a refletir que há uma beleza estranha e silenciosa nesse processo de se tornar pesquisadora: aprendo, dia após dia, a ser lagarta. A ceder à lentidão do casulo, às leituras que não terminam, aos textos que nascem tortos e precisam ser refeitos, às perguntas que, em vez de respostas, trazem outras perguntas. Muitas vezes me sinto imóvel, envolta em fios de dúvida, sem saber que dentro daquilo que parecia parado algo essencial se tecia. Mas aprendi que o casulo não é prisão: é gestação. Essa é, talvez, a mais delicada das costuras: feita de silêncio, ela devolve a vida em forma de voo. Não há pressa, a transformação acontece no tempo em que precisa acontecer. E, um dia, a pesquisadora que habita em mim romperá a casca: não para fugir do mundo, mas para enxergá-lo, enfim, de outro lugar...

Hoje, ao revisitar os motivos que me trouxeram até aqui, percebo que o mestrado não tem me formado apenas como pesquisadora, mas, sobretudo, como educadora mais consciente do papel da escola na formação de sujeitos críticos diante do mundo digital.

Se pudesse deixar uma mensagem a quem está considerando ingressar no PPGEDU, diria: venha com suas inquietações, pois elas são o ponto de partida de toda pesquisa! Não se assuste com as lágrimas e as olheiras: elas também fazem parte do processo. E talvez, como aconteceu comigo, o seu grão de areia esteja à sua espera — para encontrar você!!! A jornada exige esforço, mas transforma profundamente quem a percorre...



MESTRADO EM NOVA PRATA

Monique Soccol Pavan - Mestranda PPGEduc

Estar no Mestrado em Educação, através da Universidade de Caxias do Sul, em Nova Prata, foi, para mim, mais do que iniciar uma nova etapa de formação acadêmica. Foi colocar-me novamente em movimento. Depois de ser atravessada pela escola, pela sala de aula, pelas crianças e pelas urgências cotidianas da docência, chegar ao Mestrado significou abrir outros trajetos e permitir que aquilo que parecia conhecido pudesse ser novamente interrogado.

Nova Prata foi se constituindo, pouco a pouco, como um meio. Um território composto por encontros, conversas, leituras, deslocamentos e presenças. Chegamos às aulas trazendo conosco nossas escolas, nossos municípios, nossas experiências, nossos cansaços, nossas perguntas e aquilo que ainda não sabemos nomear. Nada disso permanece do lado de fora. Tudo entra conosco e passa a compor esse território de formação.

Um dos primeiros vestígios que guardo desse percurso é a abertura encontrada em nome da Professora Eliana Rela, que está na Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. Encontrei diálogo, escuta e acolhimento. Uma coordenação que se faz próxima, disponível para conversar e atenta às singularidades dos diferentes trajetos que chegam ao Programa. Para quem ingressa no Mestrado carregando expectativas, dúvidas e até os receios produzidos pelo próprio espaço acadêmico, encontrar uma porta aberta produz um deslocamento importante: começamos a perceber que também podemos habitar aquele lugar.

Há, para mim, uma potência muito grande nisso. A universidade deixa de aparecer apenas como um espaço distante e passa a constituir-se como um território possível.

Outro encontro decisivo foi a orientação. Talvez tenha sido ali que compreendi, com maior intensidade, que uma pesquisa não se faz somente com leituras, referências e páginas escritas. Ela se faz entre seres humanos, entre relações e tive a alegria de ser recebida pela Professora Sônia Regina da Luz Matos. A excelência da orientação que encontrei no PPGEDU/UCS está no rigor intelectual, mas também na capacidade de acompanhar trajetos sem antecipá-los. Há uma presença que provoca, questiona, desloca, sugere outras linhas e, ao mesmo tempo, permite que quem pesquisa encontre seu próprio modo de caminhar.

Orientar, nesse sentido, não é indicar uma linha reta. É acompanhar aquilo que vai se fazendo no percurso. Foi entre a orientação, o grupo de pesquisa, as disciplinas e as muitas conversas que minha própria pesquisa começou a assumir outros contornos. Certas perguntas desapareceram, outras se fizeram mais insistentes. Leituras produziram desvios. Palavras ganharam outros sentidos. Pequenos vestígios começaram a importar. Aprendi que pesquisar também pode ser sustentar uma pergunta sem apressar sua resposta, acompanhar aquilo que aparece e permanecer atenta aos mínimos gestos que movimentam um pensamento.

O Mestrado em Educação, no Campus em Nova Prata também se faz no comum. Nas conversas antes das aulas, nos intervalos, nas trocas entre colegas, nos textos que circulam, nas inquietações compartilhadas e naquilo que continua reverberando quando retornamos para nossas casas, nossas escolas e nossas cidades. Há uma formação que acontece dentro da sala de aula, mas há outra que se produz entre as pessoas. E, muitas vezes, são justamente esses pequenos encontros que deixam os vestígios mais duradouros.

Por isso, quando penso na experiência que estou vivendo, uma ideia retorna com insistência: todas as pessoas deveriam ter a oportunidade de experimentar um percurso de formação como este. Não porque todas precisem fazer um Mestrado, mas porque todas deveriam poder encontrar espaços em que estudar, pesquisar, conversar e pensar fossem possibilidades concretas. Todas deveriam ter a oportunidade de encontrar professores que provoquem o pensamento, uma orientação que acompanhe com excelência, uma universidade aberta ao diálogo e um meio no qual suas experiências também possam entrar em composição com o conhecimento.

Para quem vem da Educação Básica, essa possibilidade tem ainda outra força. Continuo sendo professora. Continuo atravessada pela escola pública, pelas crianças, pelos pequenos municípios e por tudo aquilo que acontece no cotidiano da sala de aula. O Mestrado não produziu um afastamento desse território.

Ao contrário: fez com que eu retornasse a ele por outras linhas, carregando novas perguntas e percebendo coisas que antes talvez passassem despercebidas.

Talvez seja justamente aí que a formação acadêmica encontre uma de suas maiores potências: quando aquilo que se produz na universidade não permanece fechado em seus próprios limites, mas retorna aos territórios de onde viemos e passa a compor outros modos de ver, pensar e agir.

Meu trajeto no PPGEDU/UCS ainda está acontecendo. Há linhas que poderão me encontrar ou eu as encontrá-las. Mas talvez seja justamente isso que o Mestrado tenha me ensinado até aqui: alguns percursos não precisam ter seus caminhos antecipadamente definidos. É preciso estar atenta aos encontros, acompanhar os vestígios e permitir que aquilo que acontece no trajeto também nos transforme.



Eventos



III CINED & XI CEDU

III CINED – Congresso Internacional de Educação

XI CEDU – Colóquio Nacional de Educação Discente

II Encontro de Egressos do PPGEduc

Dias 22 e 23 de outubro de 2026

Universidade de Caxias do Sul

A Universidade de Caxias do Sul recebe, nos dias 22 e 23 de outubro de 2026, um encontro dedicado à educação, à diversidade e às narrativas que constituem as identidades. A programação reúne três iniciativas acadêmicas do campo da Educação:

III CINED — Congresso Internacional de Educação

XI CEDU — Colóquio Nacional de Educação Discente

II Encontro de Egressos do PPGEduc

**Educar na Diversidade:
Histórias, Narrativas
e Identidades**

Grupos de Pesquisa

Cátedra UNESCO Educação para a Cidadania Global e Justiça Socioambiental

Liderada pelo professor Danilo Romeu Streck

Centro de Estudos Latino-Americanos em Pesquisa e Educação (CELAPED)
Liderado pelo professor Danilo Streck

Grupo de Pesquisa Conectividade

Liderado pela professora Eliana Rela

Grupo de Pesquisa Educação, Filosofia e Multiplicidade na Contemporaneidade

Liderado pelos professores Vanderlei Carbonara e Sônia Regina da Luz Matos

Grupo de Pesquisa Educação e Pesquisa na América Latina: Convergências Teóricas e Metodológicas

Liderado pelo professor Danilo Romeu Streck

Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM)

Liderado pela professora Terciane Ângela Luchese
Vice-liderado pelo professor José Edimar de Souza

Grupo de Pesquisa Laboratório de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (LAVIA)

Liderado pela professora Eliana Maria do Sacramento Soares
Vice-liderado pela professora Carla Beatris Valentini

Grupo de Pesquisa Observatório de Educação

Liderado pela professora Nilda Stecanela
Vice-liderado pela professora Andréia Morés

Grupo de Pesquisa Observatório de Leitura e Literatura (OLLI)

Liderado pela professora Flávia Brocchetto Ramos

Grupo de Pesquisa Rede Internacional de Pesquisas e Estudos em Educação, Cultura, Espiritualidade e Religião (Redipe-Educere)

Vice-liderado pelo professor José Edimar de Souza.

Fonte: <https://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/educacao/grupos-de-pesquisa/>

Programa de Pós – Graduação em Educação

UCS

COORDENAÇÃO E SECRETARIA DO PPGEDU:

Profa. Eliana Rela
erela@ucs.br

Coordenadora do PPGEDU UCS

Heloisa Pontel
ppgedu@ucs.br
Secretária do PPGEDU - UCS

Cláudia Elaine Bematto
ppgedu@ucs.br
Secretária do PPGEDU - UCS

COORDENAÇÃO DO BOLETIM DO PPGEDU:

Gilvania Kuiava
Doutoranda em Educação - UCS
gpsanto4@ucs.br

Rúbia Hoffmann Ribeiro
Doutoranda em Educação - UCS
rhribeiro1@ucs.com

Paolo Parasecoli
Mestrando em Educação - UCS
pparasecoli@ucs.br

Marcus Vinícius Comandulli
Ruppental
Doutorando em Educação - UCS
mvruppe@ucs.br

Gabriel Magerl Dutra
Mestrando em Educação - UCS
gmdutra3@ucs.br

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O PPGEDU UCS:

Cidade Universitária - Bloco E - Sala 306
Rua Francisco Getúlio Vargas, nº 1130. Bairro
Petrópolis. Caxias do Sul - RS - 95070-560

Atendimento: de segunda à sexta-feira,
das 8h às 11h30min e das
13h30min às 20h15min.

Telefone: (54) 3218-2100 - Ramal 2824

Site institucional

Página no Facebook

Página no Instagram

CANAL no youtube



Entre ciclos e recomeços...

A primavera chega trazendo consigo a ideia de renovação, novos começos e possibilidades. É nesse espírito que apresentamos a nova equipe responsável pelas próximas edições do Boletim do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS – PPGEduc.

A partir desta edição, Gilvania, Rúbia, Marcus, Gabriel e Paolo assumem, juntos, a tarefa de dar continuidade a este espaço de comunicação, encontro e partilha que integra a comunidade do PPGEduc. Assumir o Boletim é também assumir o compromisso de olhar para aquilo que acontece no Programa e dar visibilidade às pesquisas, às experiências, às produções e às pessoas que constroem cotidianamente a pós-graduação em Educação. Queremos que cada edição seja mais do que um espaço informativo: que seja um convite à leitura, à reflexão, à troca e à aproximação entre colegas. A cada estação, um novo olhar. A cada edição, novas histórias para contar. A cada encontro, a possibilidade de fortalecer os vínculos que nos constituem como comunidade acadêmica. Que a Primavera de 2026 marque o início de um ciclo fértil de ideias, diálogos e descobertas.

É com alegria que damos início a esta nova caminhada e esperamos contar com a participação de todos na construção do Boletim. Afinal, este espaço pertence à nossa comunidade e ganha sentido quando diferentes vozes encontram lugar para se expressar.

Sejam bem-vindos à nova estação do Boletim do PPGEduc!

Coordenação do Boletim do PPG Edu

APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES



Gilvania Pires Santos Kuiava
Doutoranda PPG Edu



Rúbia Hoffmann Ribeiro
Doutoranda PPG Edu



Paolo Parasecoli
Mestrando PPG Edu

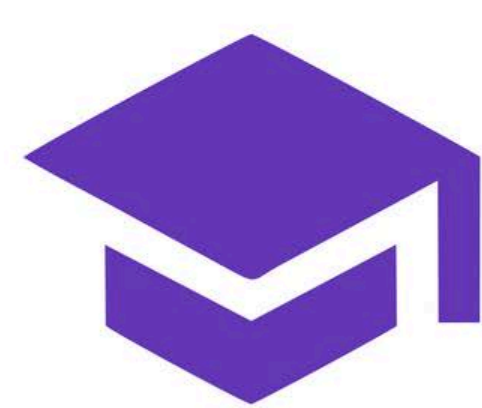


Marcus Vinícius Comandulli Ruppental
Doutorando PPG Edu



Gabriel Magerl Dutra
Mestrando PPG Edu

Bem-vinda, primavera!
Tempo de florescer...
Edição 2026



PPG
Edu

15

anos

UCS